

A HISTÓRIA QUALITATIVA: ELEMENTOS PARA UMA DISCUSSÃO.

Milton Carlos Costa – UNESP

Resumo

Neste artigo levantamos elementos para uma discussão da abordagem qualitativa em história. Basicamente ele consiste na apresentação do livro inovador de Carlo Ginsburg, *O queijo e os vermes*, ilustração exemplar da nova história cultural, no qual está superiormente presente a perspectiva qualitativa. Também mostramos como Ginsburg teorizou a disciplina histórica como ciência qualitativa.

Palavras-chave: Abordagem qualitativa, história, Carlo Ginsburg.

Abstract

In this article we rise elements to a discussion of the qualitative approach in history. Basically it is the presentation of the book innovated Carlo Ginsburg, *The cheese and the worms*, exemplary illustration of the new cultural history, in wich this is superior to qualitative perspective. We also show Ginsburg theorized the historical discipline as qualitative science.

Key-words: Qualitative approach, history, Carlo Ginsburg.

A disciplina história na tradição ocidental teve origem na Grécia e encontrou em Heródoto – o pai da etno-história - e Tucídides seus primeiros mestres.

Em seu longo desenvolvimento oscilou entre uma história política, em geral a serviço dos poderes, e uma história cultural, mais próxima do cotidiano das massas.

No século XIX ela sofreu uma mutação profunda com o surgimento da história romântica, que através principalmente da obra de Michelet, com sua preocupação com os horizontes ao mesmo tempo materiais e espirituais, alargou as perspectivas da disciplina, os positivistas com a escola alemã e a francesa, voltaram-se para as questões de método, estabeleceram a importância de uma história baseada em documentos e apesar de suas profundas limitações e deformações, fizeram avançar a história; Marx finalmente provocou com o materialismo histórico uma revolução teórica, estabelecendo uma nova teoria das formações sociais e praticando um tipo de história científica, como prova entre outros trabalhos seu livro *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*.

No século XX a história passará por uma nova revolução, desta vez metodológica, com a obra dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, os quais criaram a revista *Annales*, laboratório de uma história inovadora, baseada na história-problema e profundamente ligada às ciências sociais.

Os *Annales* desenvolveram uma história principalmente econômica e social, cuja obra-prima foram inicialmente o livro *A sociedade feudal*, de Marc Bloch e depois a obra monumental de Fernand Braudel *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no época de Felipe II*, trabalho este que ao buscar recuperar uma grande totalidade histórica – as civilizações do Mediterrâneo – representou igualmente a realização magistral dos mais caros ideais historiográficos da corrente dos *Annales*.

Dentro deste grupo desenvolveu-se igualmente uma história cultural, sob a forma de história das mentalidades, ilustrada pela vertente sociológica na obra de Marc Bloch, *Os reis taumaturgos*, na verdade iniciadora de uma fecunda corrente de antropologia histórica que tem em Jacques le Goff e seus discípulos representantes eminentes; mas houve, também dentro da história das mentalidades uma vertente psicológica, representada superiormente pela obra metodológica de Febvre e por seus

magníficos livros *O problema da descrença no século XVI*, *A religião de Rabelais* e *Honra e Pátria* (este de publicação póstuma).

O estudo das formações materiais, econômicas encontrou em Ernest Labrousse o seu grande inventor, em duas obras clássicas sobre a economia francesa do século XVIII. Ele estimulou o desenvolvimento de uma história quantitativa, depois chamada de serial desenvolvida principalmente por Pierre Chaunu, em termos econômicos e por Michel Vovelle, em relação às mentalidades.

Esta história demonstrou seu esgotamento na década de 70 do século XX enquanto surgia uma história cultural nova em vários países, com inspiração teórica e empírica na antropologia, que já se tornara uma ciência consistente e inovadora, depois das contribuições originais de Malinowski, Boas, Lévi-Strauss e outros.

As obras de Emmanuel Le Roy Ladurie (*Montaillou, vila ocitana* de 1294 a 1324), Keith Thomas (*Religião e declínio da magia, Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*), Robert Darnton (*O grande massacre de gatos e outros estudos de história cultural francesa*), Natalie Davis (*Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*), Ginsburg (*Os andarilhos do bem. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII; O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*¹) são algumas das obras-primas desta história cultural marcada pela abordagem qualitativa.

Neste trabalho faremos a apresentação do livro *O queijo e os vermes*, em geral reconhecido como um estudo historiográfico inovador, que mostra a riqueza que foi possível extrair da história da vida individual de um homem anônimo do século XVI, através de uma abordagem criativa, conhecida como a micro-história, característica também de outros historiadores italianos².

O herói do autor, Domenico Scandella, vulgo Menocchio, foi um moleiro submetido a dois processos inquisitoriais e foi queimado a mando da Inquisição por suas opiniões consideradas heréticas pelo terrível tribunal.

Menocchio pode ser considerado ao mesmo tempo como um homem que está próximo e também distante dos homens do século XX.

Ele filtrava suas leituras através da ótica de uma certa cultura camponesa. O seu caso permite chegar a uma hipótese de caráter geral a respeito da cultura popular, de caráter camponês, anterior à industrialização.

O autor aceita a ideia de uma circularidade existente entre a cultura dominante e a subalterna, colocada em evidência por Mikhail Bakhtin em seu trabalho sobre François Rabelais.

Ginsburg define seu trabalho ao mesmo tempo como uma história e uma investigação histórica.

A documentação existente sobre Domenico Scandella e sua família é ampla, embora não exaustiva e nos oferece um quadro vasto de seus sentimentos e ideias.

O autor critica as abordagens de Mandrou, Bollème, Foucault e Febvre a respeito da cultura popular opondo-lhes os trabalhos importantes sobre o assunto de Le Roy Ladurie, Natalie Davis, Edward Thompson.

Ele critica os estudos de história quantitativa e serial: “O chiste de E. P. Thompson sobre o ‘grosseiro e insistente impressionismo do computador que repete *ad nauseam* um único elemento, passando por cima de todos os dados documentais para os quais não foi programado’, é literalmente verdadeiro, já que o computador, como é óbvio, não pensa, mas executa ordens”.

Chama a atenção para a importância de elemento biográfico: “não é um objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de ‘indivíduo’ ”.

¹ Ginsburg, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

² Consultar a respeito: Lima, Henrique Espada. *A micro-história italiana. Escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006; Pallares-Burke, Maria Lúcia. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 269-306; Ginsburg, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

No caso de Menocchio, ele soube articular a linguagem que as condições históricas lhe ofereceram com muita lucidez, muita clareza. Suas confissões remetem à existência de uma comum cultura camponesa. Seus desejos e afirmações tem raiz muito antiga, remetem a tradições camponesas obscuras.

Menocchio foi afetado profundamente pelo surgimento da imprensa e pela Reforma: a primeira deu-lhe as palavras para organizar suas idéias e fazer o confronto de suas leituras com a cultura oral em que se formara e a segunda concedeu-lhe audácia para divulgá-las a seus conterrâneos, inclusive padres e inquisidores.

Em Menocchio encontramos traços que são comuns a ele e à cultura chamada progressista: o desejo de uma reforma social radical, a vontade de destruir por dentro a religião, uma tendência à tolerância.

Menocchio também criticou radicalmente os sacramentos; teve uma visão nítida da estrutura bipolar da sociedade; fustigou o poder da Igreja: “Tudo pertence à Igreja e aos padres. Eles arruinam os pobres”.

O radicalismo presente nas afirmações de Menocchio pertence a uma vertente de tipo camponês antigo que emergira com a Reforma.

Menocchio leu alguns livros, mas o mais decisivo foi o modo subversivo empregado na leitura dos mesmos:

“Mais do que o texto (...) parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa – um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral”.

Menocchio formulou diante dos inquisidores uma cosmogonia singular, materialista, na qual a realidade aparece como matéria caótica em movimento da qual surgiu o próprio Deus.

Ele tinha consciência e orgulho do caráter original de suas formulações, desejando comunicá-las às grandes autoridades religiosas e civis.

Com o emprego de uma terminologia extraída de fontes diversas – escolástica, cristianismo, neoplatonismo – Menocchio exprimiu um materialismo instintivo de muitas gerações de camponeses. Seu materialismo era de viés religioso, ele enxergava Deus por toda parte.

Ele viu no Paraíso uma festa permanente. Também sonhou com um novo mundo, uma sociedade nova que deveria ser construída. As palavras pronunciadas por Menocchio revelam fragmentariamente como a utopia tinha origens profundamente populares.

A Menocchio a leitura era familiar o que já não acontecia com a escrita.

Certas idéias religiosas eram muito estranhas para ele, como a que distinguia criatura e criador e aquela da existência de um Deus fundador.

O que Menocchio inseria nos livros que lia vinha de uma tradição oral profunda presente nas áreas camponesas da Europa, região de uma religião camponesa persistente e tenaz, relacionada com os ciclos naturais e de caráter pré-cristão.

Em conclusão, Ginsburg procura extrair o significado da trajetória e das idéias de Menocchio:

“Uma cultura quase exclusivamente oral como a das classes subalternas da Europa pré-industrial tende a não deixar pistas, ou então deixar pistas distorcidas. Portanto, há um valor sintomático num caso-limite como o de Menocchio. Ele repropõe, com força, um problema cuja importância só agora começa a se perceber: as raízes populares de grande parte da cultura européia, medieval e pós-medieval. Figuras como Rabelais e Bruegel (...) fecharam uma época caracterizada pela presença de fecundas trocas subterrâneas, em ambas as frentes, entre a alta cultura e a cultura popular”.

Complementaremos nossa apresentação da abordagem qualitativa da história na ótica de Ginsburg, com a retomada de suas posições expressas num artigo publicado em 1979³, que teve ampla repercussão, sendo publicado sucessivamente em várias línguas européias.

Tal celebridade parece-nos merecida, pois neste ensaio muito rico e erudito, Ginsburg, um historiador cultural que já publicara dois livros decisivos que desvendaram novos horizontes para a história moderna, esboça uma nova teoria da história, muito sugestiva e convincente.

Nos fins do século XIX ocorreu o surgimento de um paradigma, pouco conhecido e teorizado, mas muito atuante nas ciências humanas. Este paradigma que Ginsburg chama de indiciário caracteriza disciplinas centradas na explicação de signos diversos, escritos ou sintomáticos. Ele fundamenta-se na suposição de que, diante da opacidade do real, existem indícios e sinais constituindo vias privilegiadas de acesso a ele.

O historiador analisa o saber indiciário ou conjectural na Mesopotâmia e depois na Grécia onde a constituição da cultura da *polis* constitui uma ruptura, mostrando que o saber indiciário fazia parte dela. Ela fala da “constituição de disciplinas novas, como a historiografia e a filologia e (...) [da] conquista de uma nova autonomia social e epistemológica por parte de antigas disciplinas, como a medicina. O corpo, a linguagem e a história dos homens foram submetidos pela primeira vez a uma investigação sem preconceitos, que por princípio excluía a intervenção divina”.

Esse paradigma era o de um saber baseado em conjecturas e afetava atividades diversas, as dos marinheiros, políticos, mulheres, pescadores, caçadores, carpinteiros, oleiros. Mas tal paradigma foi silenciado pelo modelo platônico de conhecimento, mais prestigioso.

Ginsburg coloca em oposição dois modelos científicos: o das ciências naturais ou galileano e o das ciências indiciárias, como a história e a medicina.

O paradigma de ciência que teve seu núcleo na física de Galileu e sobreviveu a ela, baseava-se na rejeição do individual, elemento básico das disciplinas indiciárias e no emprego do método experimental e da matemática.

Já as disciplinas de tipo indiciário não compartilham da cientificidade do modelo galileano: “Trata-se de fato, de disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso alcançam resultados resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade”.

No caso da disciplina histórica ela nunca tornou-se uma ciência de padrão galileano, permanecendo uma ciência social concreta e intuitiva, marcada por um conhecimento “indireto, indiciário, conjectural”.

BIBLIOGRAFIA:

GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINSBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana. Escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.

Milton Carlos Costa E-mail: milton.carlos.costa@hotmail.com

³ “Sinais. Raízes de um paradigma indiciário”, no seu *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179 e 260-275.